

Conselho Diretor

Presidente - Marcelo Polacow Bisson
Vice-Presidente - Maely Favero Retto
Diretor Financeiro - Pablo de Moura Santos
Vice-diretora Financeira - Josiane Moreira da Costa
Diretora Executiva - Sandra Dacal
Vice-diretora Executiva - Simone Dalla Pozza Mahmud

Conselho Editorial RBFHSS

Editora-Chefe - Profa. Dra. Elisangela da Costa
Lima-Dellamora

Membros do Conselho Editorial

Prof. Dr. Adriano Max Moreira Reis
Prof. Dr. Ahmed Nadir Kheir
Prof. Dr. Alberto Herreros de Tejada
Prof. Me. Aldo Rodrigo Alvarez Risco
Profa. Dra. Carine Raquel Blatt
Profa. Dra. Claudia Garcia Serpa Osorio de Castro
Profa. Dra. Dayani Galato
Prof. Dr. David Woods
Prof. Dr. Divaldo Pereira Lyra Junior
Prof. Dr. Eduardo Savio
Profa. Me. Eugenie Desirée Rabelo Néri
Prof. Me. Fabio Ramirez Muñoz
Prof. Me. Felipe Dias Carvalho
Profa. Dra. Helena Lutescia Luna Coelho
Profa. Dra. Inés Ruiz Álvarez
Prof. Dr. João Carlos Canotilho Lage
Prof. Dr. José Luis Marco Garbayo
Prof. Dr. Leonardo Régis Leira Pereira
Profa. Dra. Lúcia de Araújo Costa Beisl Noblat
Profa. Dra. Marcela Jirón Aliste
Prof. Dr. Marcelo Polacow Bisson
Profa. Me. Márcia Germana Alves de Araújo Lobo
Profa. Me. Maria Elena Sepulveda Maldonado
Profa. Dra. Maria Rita Carvalho Garbi Novaes
Profa. Dra. Maria Teresa Ferreira Herdeiro
Prof. Dra. Marta Maria de França Fonteles
Profa. Me. Pamela Bertolo
Prof. Dr. Rivellison Mendes de Freitas
Profa. Dra. Selma Rodrigues de Castilho
Profa. Dra. Sonia Lucena Cipriano
Prof. Esp. Tarcísio José Palhano

Diagramação: Liana de Oliveira Costa

Periodicidade: Tridimensional
Exemplares: 3.000

Circulação é gratuita para os associados da SBRAFH.
Outros interessados em assinar a revista poderão
efetuar seu pedido junto à Secretaria da SBRAFH
– Telefone: (11) 5083-4297 ou pelo e-mail:
atendimento@sbrafh.org.br.

Valores para assinaturas anuais (4 edições):

- Brasil: R\$ 200,00
- Exterior: US\$ 150

As normas para publicação de artigos técnicos estão
na página principal.

Os artigos devem ser enviados através deste site após criar seu
cadastro de autor e confirmá-lo através de email enviado.
Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus
autores e não refletem necessariamente a opinião da Sociedade
Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde.
Os anúncios publicados também são de inteira
responsabilidade dos anunciantes.

Esta Revista é impressa com apoio cultural do
Laboratório Cristália de Produtos Químicos
Farmacêuticos LTDA.

ESTUDOS DE REVISÃO NARRATIVA NA ÁREA DE ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA: QUAL A VALIDADE?

Luciane Cruz Lopes

Medicamentos dentre as tecnologias em saúde representam grande parcela dos gastos públicos com saúde. Novos medicamentos ganham o mercado anualmente e com isso as demandas pela incorporação pelo sistema de saúde geradas pelos laboratórios farmacêuticos, usuários e profissionais de saúde, têm crescido substancialmente, ocasionando pressões importantes aos tomadores de decisão.

As informações sobre custo-efetividade-segurança e formas de utilização de medicamentos podem ser provenientes de estudos primários (ensaios clínicos controlados e randomizados com amostra representativa ou coortes metodologicamente bem elaboradas com resultados consistentes e grande estimativa de efeito) ou de estudos secundários (revisões sistemáticas e meta-análises) ou ainda de estudos terciários (sinopses ou sínteses de evidências, overviews, entre outros).

Estudos que abordam principalmente questões relacionadas a tratamento são hierarquizados quanto ao grau de confiança nos resultados, ou seja, sua validade interna e externa. A hierarquização é baseada nas limitações metodológicas relacionadas ao tipo de estudo, pois por mais que o pesquisador controle cada tipo de viés (erro sistemático), alguns são praticamente impossíveis de serem completamente eliminados. Podem-se citar como exemplo, estudos do tipo coortes que não conseguem eliminar o viés de seleção, pois os pacientes não foram randomizados para entrarem no estudo ou os estudos do tipo retrospectivo (casos-control) dificilmente eliminam o viés relacionado à memória, falha de registro, confirmação do dado etc.

Assim, estudos observacionais apresentam maior limitação metodológica para estabelecer relação entre o desfecho estudado e a intervenção, os colocando em níveis mais baixos de evidência do que os ensaios clínicos randomizados. Este mesmo raciocínio de aplica aos estudos secundários. No topo da pirâmide das evidências se encontram as revisões sistemáticas e na base da mesma, logo depois dos estudos pré-clínicos, estão as revisões narrativas (opiniões de especialistas)¹.

A palavra evidência em saúde deve ser entendida como o corpo de fatos (provas) ou informações disponíveis indicando se os achados para responder a um problema são verdadeiros ou válido.

No processo de seleção da informação para tomada de decisão em saúde deve ser considerado o nível de evidência em que o estudo se encontra. Informações provenientes de estudos em níveis mais elevados terão maior valor científico para responder uma pergunta, com maior validade de resultados (desde que metodologicamente bem concebidos) do que aqueles que se encontra em um nível mais abaixo. De qualquer forma, no processo de tomada de decisão em saúde, ponderando, principalmente nas questões que envolvem a Assistência Farmacêutica, deve-se sopesar toda a evidência disponível, seu nível de confiança e não simplesmente escolher aquelas que dão suporte às nossas ideias ou conflitos de interesse.

Particularmente, gostaria de discutir o papel das revisões para a Assistência Farmacêutica. As revisões figuram como o tipo de artigo mais procurado em bibliotecas e jornais científicos. Estudos de revisão são caracterizados pela análise e síntese da informação disponibilizada por todos os estudos relevantes publicados sobre um determinado tema/problema, de forma a sintetizar o corpo de conhecimento disponível e concluir sobre o tema. Existem diversos tipos de estudos de revisão e cada um deles segue uma metodologia específica.

Neste editorial, daremos destaque às revisões narrativas, ou comumente denominadas revisões da literatura.

As revisões narrativas têm abordagem qualitativa, não possuem metodologia que permitam a reprodução dos dados e nem fornecem respostas quantitativas para questões específicas. Geralmente abordam o estado da arte (estado do conhecimento) a partir do descritivo da trajetória e distribuição da produção científica sob ponto de vista teórico e contextual. Este tipo de estudo estabelece relações com produções anteriores, identifica temáticas recorrentes, aponta as novas perspectivas, ou aquilo que tem recebido menos destaque na literatura².

Podem existir muito boas razões para se escrever uma revisão narrativa de qualidade. Por exemplo, sínteses narrativas são artigos educacionais úteis, uma vez que agrupam informações em um formato que

facilita a compreensão. Elas são úteis na apresentação de uma ampla perspectiva sobre um tema e, muitas vezes descrevem a história ou o desenvolvimento de um problema ou o seu manejo.

Professores recomendam as revisões narrativas em suas aulas, pois são frequentemente mais atualizadas do que os conteúdos de livros. Muitas vezes a discussão da teoria e o contexto de sínteses narrativas podem servir para provocar reflexão e controvérsia. Por esta razão, estas revisões podem ser uma boa fonte de apresentação de perspectivas filosóficas de forma equilibrada.

No entanto, é importante destacar para a Assistência Farmacêutica, este tipo de estudo não é útil para a tomada de decisão e nem tão pouco se presta a avaliação de uma tecnologia em saúde. Este tipo de estudo está na base da pirâmide de evidência cuja principal limitação inclui seleção arbitrária dos estudos incluídos, provendo o autor de informações sujeitas a viés de seleção, com grande interferência da percepção subjetiva. A busca das fontes não é pré-determinada e específica, sendo frequentemente menos abrangente e incompleta, carecendo de critérios explícitos para a inclusão dos estudos, criando uma base de conhecimento insignificante de onde se extraem uma conclusão enviesada.

A ausência de uma seção com método claro e objetivo conduz a uma série de falhas metodológicas, que podem também influenciar as conclusões do autor. A interpretação do autor na síntese da informação deve levar em conta as principais diferenças entre os estudos. Por exemplo, amostras de pacientes em um estudo podem diferir em outro estudo ou a concepção ou medida utilizada podem não ser comparáveis. Sem identificar essas diferenças, corre-se o risco de fornecer conclusões erradas ou informação incorreta.

Muitas vezes esta síntese defeituosa pode ser repetida por outros autores e os erros são transmitidos de um estudo ao outro, perpetuando-os.

No passado, muitas revisões da literatura foram construídas com base nos documentos pessoais do autor, criando um viés pois retrata o que esse autor achou interessante ou controverso. Quando isso ocorre, é difícil discernir se o autor construiu uma revisão objetiva da literatura, baseada em dados ou apenas um longo comentário que não representa a verdadeira pesquisa.

Os autores de sínteses narrativas são, muitas vezes, especialistas reconhecidos na área do tema a ser revisado. Editores, por vezes, solicitam sínteses narrativas de autores específicos, a fim de trazer algumas questões à luz. No entanto, alguns estudos mostram que os especialistas estão menos propensos a aderir ao rigor metodológico ao escrever estas revisões do que os não especialistas³. Seja ele inexperiente ou especialista, o fator crítico para escrever uma boa revisão narrativa é usar bons métodos.

Os aspectos destacados mostram que as revisões narrativas são um perigo potencial nos cuidados de saúde se os leitores estiverem utilizando este tipo de estudo para a tomada de decisão clínica. Sendo assim, cabe ao autor e ao leitor saber utilizar e dar devido peso à revisão narrativa para os propósitos a que ela se destina.

REFERÊNCIAS

1. Guyatt, G, Rennie, R, Meade, MO, Cook, DJ Users' Guides to the Medical Literature: A Manual for Evidence-Based Clinical Practice, 3.ed. United States of America, McGraw-Hill Education, 2016 ISBN 978-0-07-179071-0.
2. Grant MJ, Booth A. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health Info Libr J*, 2009, 26(2):91-108.
3. Green BN, Johnson CD, Adams A. Writing narrative literature reviews for peer-reviewed journals: secrets of the trade. *J Sports Chiropr Rehabil*, 2006, 3(5): 101-17.

Luciane Cruz Lopes é farmacêutica, mestre e doutora em Farmacologia Terapêutica, pós doutora em Epidemiologia Clínica, pesquisadora titular e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas da Universidade de Sorocaba, professora-pesquisadora do Programa de Pós Graduação de Ciências Farmacêuticas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Araraquara e Editora Associada da RBFHSS.